



Cinema

Ano 1º
N.º 27

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Jean Harlow, a loira-platinada da «Metro-Goldwyn-Mayer».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

ALBERTO BARRADAS: — Ai, meu caro, parece que tenho de me zangar consigo! Eu a dizer-lhe para não me escrever por enquanto, a não ser se fosse para me mandar os tais selos, e Você escreve-me mais três cartas e a respeito de selos!...

O director está furioso consigo, mas muito mais comigo. Mande-lhe os selos das Colónias, senão ele não me larga! E é que andava tam bonzinho com aquela coisa da bola, que fez do F. C. Porto campeão de Portugal!...

Pregunta-me se o Douglas Junior se zangará se você lhe enviar um cartão a felicitar a Joan Crawford pelo seu aniversário natalício? De-certo que não, se Você lhe escrever só para isso. Mas não vai já um bocadinho atrasado, visto que a Joan fez anos em Março? E' melhor deixar isso para o ano.

Já publicamos em «Cinema» fotografias de Janet Gaynor. Quando houver nova oportunidade serão publicadas novas fotos da «querida Janetinha como diria o noso...»

No que respeita a «Mata-Hari» quero crer que Você se enganou, pois a fita que aí anunciaram não deve ser a nova produção de Greta Garbo, mas, certamente, uma antiga fita muda, alemã, com Magda Sonja. «O Beijo» foi, sim, o último filme silencioso da Garbo.

Diz-me a Administração que a «Tipografia Minerva», aí em Lourenço Marques, já está habilitada a fornecer a «Colecção de Sempre».

UM AMOR DE RAPAZ: — Muito obrigado, mas... nada de confusões!

Tenho ido para a praia, sim senhor, mas não tenho gosado grande coisa. Primeiro, porque, em vez de suspenderem «Cinema» durante dois meses, como devia ser, lembraram-se de fazer sair a revista assim por conta-gotas... Segundo, porque o «Doido por loiras» se esqueceu de me mandar a Pepe...

«Bonecas de Dresden» e «Romanza Sentimental» não são filmes de vedetas. Não posso, por isso, dar-lhe os nomes dos intérpretes. Quanto a «Não digas nada à minha mulher», confesso que não me é estranho este nome, mas não me lembro de o ter visto. Avive-me a memória, por favor, que eu, com esta coisa do marismo a prestações, anda um bocado desnortheastado...

YOU WERE MEANT FOR ME, NORMA: — Felizardão! Vou em Agosto e Setembro para a Figueira da Foz!

Correspondência

Para que me disse tal coisa? Falta agora vir algum dizer-me que vai para Ostende, e outro para Palm Beach! E eu que me contente com o Molhe, de que maneira, Santo Deus!...

A carta em inglês publicada ha tempos em «Filmes» está com muitos erros. Quando «Cinema» reaparecer regularmente, em Outubro, publicaremos outra, em condições. Não se vendem selos americanos nas nossas estações do correio. Se não encontrar em alguma casa bancária (especialmente Borges & Irmão), só mandando-os vir da América. 3.^a — Para postais de Norma Shearer, escreva para o nosso Director, que é o representante da casa «Ross».

JOSÉ FILIPE BRAXÃO: — Rosita Moreno está afastada do cinema, pelo menos por enquanto. Se quer obter um retrato dela, escreva para os «Studios Paramount», Rue des Reservoirs, St.-Maurice (Seine), França. Para Greta Garbo, a-pezar dos boatos que circulam de que ela sai da «M-G-M», escreva-lhe para «Metro-Goldwyn-Mayer» Studios, Culver City, California (U. S. A.). Ela vem à Europa, para passar as férias na Suécia, mas creio bem que regressará à América.

CARLOS VOSS: — Sobre o assunto dos postais, o nosso director lhe escreverá particularmente. Quanto à importância que a maior parte dos artistas americanos quer pelo retrato é de 25 centimos americanos, que corresponde actualmente a uns 8 escudos. Sobre os selos leia a resposta a «You Were Meant for Me, Norma».

MARIETA: — Sim senhora, o director já recebeu postais de Dolly Haas. Escreva-lhe para a Rua do Bomjardim, 436-3.^o, e não esqueça que cada postal custa 1\$50 que pode enviar em selos do correio.

MIAU, MIAU, MIAUUUUUUUUUU...: — Rinhaunhau, rinhaunhau! A sua gatinha, a Greta Nissen, continua com a «Fox». Escreva-lhe para 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Calif.

SAMUEL: — «A Loucura de Monte-Carlo», já foi reexibida no Porto. E'

possível que volte a ter reexibição, mas não posso dizer-lhe quando. Estou proibido pelos médicos...

LUIZ LOPES BRUNO: — Para mandarmos as revistas e jornais que pede, é preciso que envie primeiramente à Administração 1\$00 por cada exemplar revista «Filmes», \$50 por cada de «Cinema»-jornal, e 1\$00 por cada um da fusão «Filmes»-«Cinema».

PREGUNTÃO-MÓR: — Onde é que Você leu que a Jeanette MacDonald era irlandesa? Dos dois, ha um que sonha: ou a meu amigo, o jornalista que tal escreveu. Jeanette MacDonald é americana da costa. Nasceu em Philadelphia em 1907. Esta temporada apareceu em «Monte-Carlo», com Jack Buchanan, «O Amor entra pela janela», com Reginald Denny, e «Marido Desconhecido», com Victor MacLaglen. A primeira da «Paramount», as outras duas da «Fox». Continua com a «Paramount», para onde pode escrever-lhe: «Paramount Publix Studios», Hollywood, Calif.

TRÊS FUTUROS ASTROS: — Isso é piada a umas pessoas que eu cá sei!...

Sobre os postais, sei que o director está imprimindo uns catálogos ilustrados dos postais existentes, que tenciono vender ao preço de 1\$50 cada catalogo. Tem postais da Sylvia Sidney, do John Boles e da Carole Lombard. Da Marie Glory, acho que não. Mas, para assuntos de postais, é melhor escreverem-lhe directamente: Alberto Armando Pereira, rua do Bomjardim, 436-3.^o, Porto.

ANSILVA: — Ai vão as direcções que pede: Billie Dove, «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Calif. Sylvia Sidney, «Paramount Publix Studios», Hollywood, Calif. Odette Florelle, 7, bis, Avenue Philippe-le-Boucher, Neuilly-sur-Seine, França.

Obrigadinho pelo seu desejo de férias divertidas, mas este ano as coisas estão correndo muito mal. Depois de todos os contratos, com esta saída da revista a prestações, e quando eu tinha resolvido, à falta de melhor, ir fazer o marismo para a Foz, aparece-me a sogra a dizer que tambem quer ir...

Não haverá uma praiazinha no Inferno?...

EU SEI TUDO.



Jean Harlow, Wallace Beery e Clark Gable em "A Guarda Secreta", da "M-G-M"

O Cantinho dum Cinéfilo

Os tempos vão de crise para todos, e a tal maleita não fogem as gentes de cinemas, alugadores e exibidores de entre nós. E a nova época 1932/33 que se avizinha e em que todos teem os olhos fixos, a vêr se ela lhe trará o balsamo consolador e compensador dos resultados fracos desta temporada que finda, ou, pelo menos, dos prejuizos dêste fim de temporada, é ainda uma interrogação, constitui um problema que não é possível, por enquanto, resolver.

Se deitarmos a vista, ligeiramente embora, para as produções exibidas em 31/32, fácil é verificar que as produções estrangeiras consideradas como as melhores não deixaram de ser projectadas entre nós — e poucas excepções se verificaram entre os filmes que lá fóra teem constituído êxitos. No entanto, o público, nesta época que se despede, parece não ter prestado ao cinema a atenção que êste lhe merecia no tempo do silencioso e até no primeiro ano da apresentação do fonocinema.

Compreende-se porquê. O fonocinema, que tem estado na sua infância, balbuciante ainda, afastados os primeiros momentos de curiosidade, trouxe para nós o problema complexo da linguagem, e o espectador não pode encontrar num filme falado em qualquer idioma estrangeiro o interêsse que lhe despertava o cinema silencioso, liberto de tal cadeia, sabendo tôdas as línguas, de imagens que se entendiam muito bem com todos os povos...

Mas como se tem observado que até nos próprios países de grande produção fonofilmica, o público indígena, apesar de ter em sua casa filmes falados na sua língua, não tem frequentado os cinemas com o entusiasmo de outrora, não foi difícil encontrar na deficiência da produção — principalmente filmes com demasiados diálogos, obras realizadas teatralmente — uma das grandes origens dêste afastamento, verificando-se que o público quer filmes de acção, de construcção cinemática, em que a técnica do silencioso predomine e a que a inovação sonora — que não morrerá — empreste as suas enormes possibilidades, exaltando essa técnica, apoiando tal acção, intensificando o movimento; em vez de a transformar em tiradas declamativas, em conversa fiada, que o cinema não admite, mas que foram, por êrro

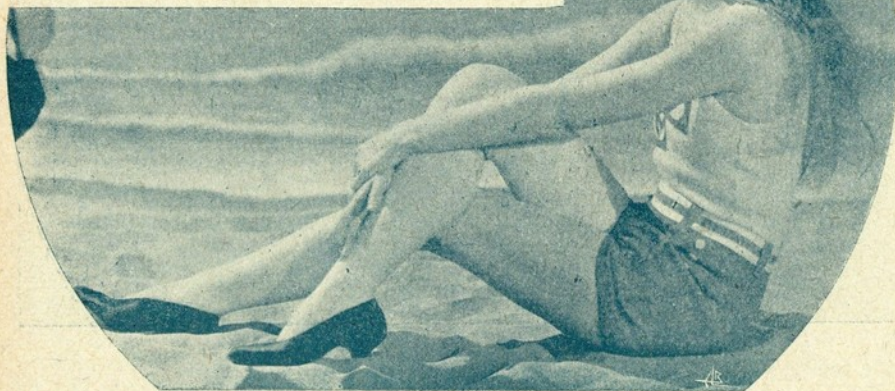
de visão dos produtores, as bases em que assentou a generalidade dos fonofilmes dos primeiros tempos.



Felizmente que os produtores — alguns produtores — o compreenderam já, e os seus recentes filmes apresentam características de bom cinema sonoro, capaz de fazer regressar o público afastado, se não o que desertou por efeito da crise financeira — e não é dessa que estamos tratando — pelo menos o que se desviou em consequência dos mamarachos teatrais que lhe impingiam com o nome de cinema sonoro.

Resta que, a colaborarem com essa melhoria de produção, no sentido de fazerem voltar ao cinema os espectadores afastados, distribuidores e exibidores se deem as mãos para atraírem o público, observando o máximo cuidado na confecção das legendas em português, que devem ser feitas sem o esquecimento de que 90% do público não compreende nada do que os artistas estão dizendo, legendas que também não devem, por quantidade excessiva, prejudicar o interêsse pela fixação das imagens; escolhendo para as películas títulos que não devem ser nunca os mesmos de qualquer filme já exibido ha anos (a menos que se trate, é claro, de versão sonora de qualquer filme silencioso), e, sobretudo, títulos com precisão e propriedade, sempre de acôrdo com o argumento da obra; apresentando com antecedência filmes-anúncios bem preparados, sendo possível já com legendas em português; tratando convenientemente do material de propaganda, que deve incluir sempre cartazes grandes e pequenos, fotos a preto e branco, coloridas e diafólios, etc., etc., tudo formando pequenos nadas que, se não exercem qualquer influência sobre o valor intrínseco dos filmes, chamam para êles, no entanto, o interêsse do espectador, e, se tais fitas teem, na verdade, merecimentos, apontam-nos aos olhos do público, que talvez não chegasse a dar por êles, porque, de-certo, nem se decidiria a ver tais produções, se não se cuidasse de lhe preparar um réclamo, o ambiente *honestamente* convidativo de que nenhum empresário deve fugir.

Miriam Hopkins está decidida a não voltar a casar desde que não encontre "o seu homem"



Qual será o verdadeiro homem de uma mulher? Confesso com toda a sinceridade que nesta questão sou um profano. As mulheres interessaram-me e continuam a interessar-me muito. Mas, embora tenha pôsto toda a minha boa vontade em compreendê-las, cheguei à conclusão de que é inútil tentar conseguilo.

Tôdas elas dizem: «Ah, se eu encontrasse um homem que me compreendesse!» E eu pergunto: «Onde estará esse homem extraordinário?» Estou convencido de que sendo a mulher de tam extraordinária psicologia, o mais que nós, homens, podemos conseguir é amá-las; amá-las muito e dizer-lhes coisas bonitas.

Pretender chegar ao fundo da sua alma afigura-se-me coisa tam difícil que resolvi pôr de parte as minhas qualidades de psicologo para que outros mais entendidos do que eu reflexionem sobre tal matéria. E desde que ha dias me encontrei com Miriam Hopkins decidi formalmente não tratar de profundar a alma feminina, a-fim de não cair no ridículo, como já me tem sucedido.

Miriam Hopkins, essa mulherzinha loira, tam alegre e irrequieta, que no «Tenente Sedutor» nos demonstrou a sua fina sensibilidade artística e o seu humor incomparável, vai divorciar-se do seu esposo. Este é um caso tam corrente em Hollywood que parece à primeira vista destituído de interesse especial. De facto, assim é. O interesse todo reside nas circunstâncias em que se deu. Ora vejam se tenho razão ou não. Não houve cenas violentas, nem lágrimas, nem discussões de interesses, nem petição de indemnização alguma. Isto é qualquer coisa de excepcional. Ninguém pode contestá-lo, sendo como são conhecidos os casos tumultuosos de que todos os dias é teatro a capital do cinema.

Interessei-me por averiguar em que bases assentou o acôrdo.

Com Miriam Hopkins não é difícil chegar se a um entendimento. A simplicidade constituiu a sua característica fundamental, e embora me assegurasse que não lhe agradava falar de coisas tam

íntimas com os jornalistas, consegui da sua amabilidade que respondesse a algumas das minhas perguntas.

Confessou-me, por exemplo, que tinha estabelecido uma plataforma com seu esposo dentro da mais cordial amizade. Que se separavam porque tinham compreendido que as suas vidas não eram tam paralelas que os fizessem abdicar das suas particularidades, pois embora sempre se tivessem olhado com mútua simpatia, não se sentiam tam estreitamente unidos como requiere o matrimónio.

E' o amor que deve unir os esposos, mas até quando dura esse amor? Esse sentimento que nos princípios da vida conjugal rege dois seres e que é uma mescla de espiritualismo e materialidade dura muito tempo?

«Deve durar, — afirma Miriam Hopkins com convicção —. Esse carinho, esse anseio deve durar sempre, pois quando acaba termina também a tranquillidade dos esposos. E a culpa têm-na vocês que não nos compreendem, que não podem compreender-nos».

Tem razão. Não podemos compreendê-las. Somos incapazes de as adivinhar, incapazes de chegar a saber como sentem e o que sentem.

«Nós fazemos tudo quanto está ao nosso alcance para que nos compreendam, — afirma ainda —, mas os homens não se preocupam com isso. Eu só voltarei a casar se encontrar o meu verdadeiro homem».

O seu verdadeiro homem será o que souber querer-lhe e adivinhá-la, o que souber ser seu amigo, amante e esposo ao mesmo tempo, condições que todas as mulheres desejam para os seus maridos, mas que pelo visto muito poucos possuem.

Eu não me parece que seja muito difícil amar uma mulher e fazê-la feliz quando ela permite que a amem. Mas sucede com frequência que, em vez de se deixarem querer, querem elas, e então complica-se o assunto de tal maneira, torna-se tam difícil a solução que não ha modo de se chegar a um entendimento.

O caso de Miriam Hopkins é raro mas não é único, pois tem-se verificado outros em Hollywood. Não obstante, para nós que não somos americanos, mas sim latinos, estas combinações amistosas não deixam de provocar-nos certa surpresa.

Quando voltou a casar-se, Lawrence Tibbet não se esqueceu de incluir na lista dos convidados a mulher de quem acabava de divorciar-se. Miriam Hopkins, por seu lado, para que fique bem claro que a sua separação e o seu próximo divórcio foram resolvidos de pleno acôrdo, é a primeira a convidar o seu ex-marido para as suas reuniões, apresentando-o às suas amigas como pessoa cheia de magnificas qualidades. O facto em si não tem importancia na Cinelandia, onde todas as coisas em geral decorrem de modo diferente do que nas outras partes do mundo. Mas para nós, repito, tam pouco habituados a esta fleugma de sentimentos, divórcios neste género parecem-nos simples motivos de propaganda cinematográfica. E' que nós, simples mortais que não gravitamos no mundo das estrélas, não nos habituamos facilmente à idéa de que aquilo que nos pertenceu possa passar para outras mãos, por um convenio normal, sem outra causa que não seja uma incompatibilidade que nunca degenerou em abandono.

Mas na Cinelandia sucedem coisas destas sem que ninguém se assombre. A capital do cinema é um paraíso onde homens e mulheres não podem aclimatar-se a um sacrificio esteril que serve apenas para escravizar a vida.

Miriam Hopkins recobra brevemente a liberdade. O seu primeiro matrimónio serviu-lhe de ensaio, e se voltar a casar-se, o que me não parece difícil porque é uma mulher muito interessante e os pretendentes às mulheres interessantes nunca faltam, será, como ela diz, com o «seu homem», o homem que saiba compreendê-la e querer-lhe como ela deseja ser querida, pois o amor é, segundo ela, a coisa mais deliciosa que existe.

Na realidade, estou convencido de que não decorrerá muito tempo sem que a vejamos com o «seu homem». A sua travessura, a sua cara cheia de graça, os seus olhos de diabinho são tentações que os homens não costumam desprezar.

NEVOT.

Harold Lloyd com a «United Artists»?

Há todas as probabilidades de Harold Lloyd interpretar na próxima época para a «United Artists», a fita «Whistling in the Dark», uma peça teatral muito conhecida na América, que Joseph M. Schenck val levar ao cinema.

Se não chegarem a acôrdo com Harold Lloyd, então recaem sobre Stuart Erwin as probabilidades da interpretação daquela fita.

“Tommy Boy” é um puro sangue das caudelarias de Jim Rellence. Tinha nascido em circunstâncias trágicas. Fora encontrado uma noite ao lado de sua mãe, a que o seu nascimento provocara a morte. Os seus ensaios são prodigiosos, e bem depressa entra no meio das corridas.

Dentro em pouco o famoso cavalo cai nas mãos de Tip Sclanton, dono de uma casa de jogos, que pretende servir-se dele para as suas combinações. Para isso conta com a complacência do «croupier» Rid Riddell. Este hesita. Mas não pode revoltar-se contra o patrão, porque êle tem uma amante extremamente bella... que também é sua amante.

E desde então “Tommy Boy” entra em todas as provas, ganhando sempre. Como o consegue Tip Sclanton? Excitando o animal artificialmente. Mas uma ocasião a dose foi forte demais, “Tommy Boy” perde. Os sócios de Sclanton julgam-se ludibriados por êle. Sclanton compreende que a sua vingança não terá contemplações.

A fim-de se poder desculpar, faz uma doação com data anterior, de “Tommy Boy” à sua amante Ruby. Desta maneira poderá sustentar que nada teve que ver com o acontecimento. E pretende fugir, a-fim-de se furtar a mais explicações. Mas, ao sair da porta, um tiro fere-o de morte...

“Tommy Boy” é agora um cavalo sem categoria. Todos o consideram esgotado, incapaz. Mas Ruby tem confiança. E leva-o para a caudelaria onde nasceu, a-fim-de cuidarem dêle.

Em contacto com a natureza, naquellas extensas pradarias, onde reina a se-

PURO SANGUE

(SPORTING BLOOD)

Realização de Charles Brabin

Produção da «Metro-Goldwyn-Mayer»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Clark Gable	Rid Riddell
Ernest Torrence	Jim Rellence
Madge Evans	Ruby
Lew Cody	Tip Sclanton
Marie Prévoost	Angela

ARGUMENTO

renidade dos campos, Ruby sente que se torna outra, começa a experimentar a nostalgia da sua primitiva honestidade. Começa aspirando a uma vida melhor e mais sã. E experimenta fazer partilhar a Rid, que se lhe juntou naquela região, todos os bons sentimentos que lhe despertam na alma.

Ao fim de algum tempo, “Tommy Boy” encontra-se novamente em forma. E’ êle o vencedor indicado para a grande corrida anual de Kentucky. Mas um grupo de “apostadores” tem o maior interesse em o fazer perder. O treinador é avisado de que o jockey sofrerá “Tommy Boy” de forma a conseguir tal resultado. Rid entra nessa combinação... ou pelo menos assim o crê Ruby, que por tal facto sofre enorme desgosto, concebendo por Rid um desprezo que não tenta esconder.

Mas antes de mais nada é preciso tomar precauções. E Ruby pede ao negro dedicado que salvou o pôtro à nascença

que desgaste as rédeas de “Tommy Boy” junto ao freio. Dentro de alguns minutos as suas ordens são cumpridas.

Começa a corrida num delírio de entusiasmo. Fiel ao combinado, o jockey de “Tommy Boy” sofreia-o para o obrigar a moderar a corrida louca em que se lançara. Mas, como estava previsto, o esforço acabou por quebrar as rédeas e “Tommy Boy” entregue a êle mesmo obtém o triunfo.

Ruby ganha uma fortuna. E’ riquíssima. Nada lhe falta senão o amor da-quele que gostaria de vêr regenerado.

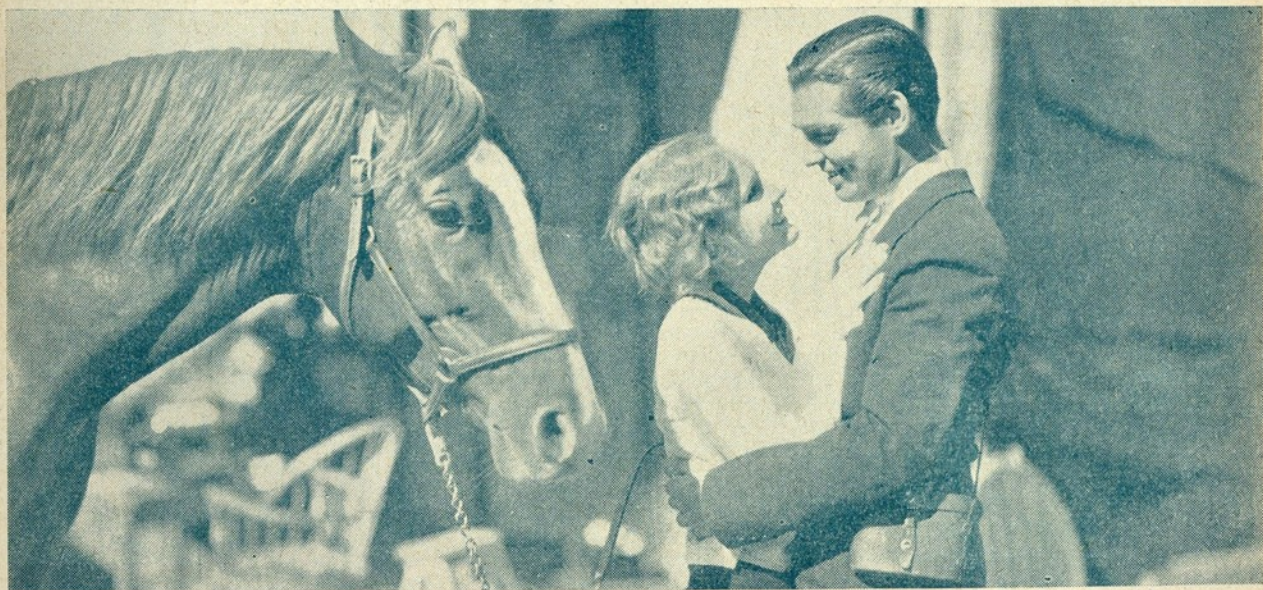
Mas essa alegria também lhe não é negada, pois foi Rid, cuja consciência falou mais alto, quem descobriu a maqui-nação e avisou o treinador, permitindo assim que a corrida fosse ganha pelo que devia vencer.



Madge Evans

A sua amiga na vida real e rival na profissão, Peggy Shannon, não cessa de alardear as virtudes e a formosura de Madge Evans, a interessante actriz da «M-G-M». E quando isto sucede, por alguma coisa é...

Aos homens, em geral, nada custa falar das qualidades de uma mulher, cantar a sua beleza, — mas a uma mulher custa sempre falar bem ou dizer pelo menos a verdade de outra mulher...



Clark Gable e Madge Evans no filme da «M-G-M» «Puro Sangue»

IMPORTANTE

Conforme dissemos, o próximo número de «Cinema» aparecerá no dia 3 de Setembro.

A senha de bonus publicada hoje tem validade para as *matinéés* dos sábados no «Olimpia», *matinéés* das quintas no «Batalha» e *soirées* aos sábados no «Batalha» e no «Odeon», de todo o corrente mês.

Pede-se aos leitores, que costumam aproveitar o nosso bonus para as *soirées* do «Batalha», a fineza de requisitarem os seus bilhetes de tarde, a fim de não causarem perturbação nos serviços da bilheteira.

Eleanor Boardman, Jobyna Ralston, Norma Shearer e Alice Terry conseguiram triunfar sem grandes trabalhos perante a opinião das suas colegas, e agora sucede o mesmo com Madge Evans, que as cativa pela sua imensa simpatia, com a sua inteligência e também com a sua formosura.

Madge é talvez a única «dama jovem», — é esta a designação técnica que se emprega nos estúdios... —, que ainda não posou semi-nua para fotografias de publicidade. Todos nós, os que trabalhamos aqui na redacção, já vimos repetidas vezes e por certo com muito gosto as plásticas maravilhosas de Lillian Bond, Joan Marsh, Mary Carlyle, Anita Page, Maria Alba, Kathryn Crawford, Leila Hyams, Dorothy Jordan, Myrna Loy Ruth Selwyn e outras formosuras que adornam o elenco da «M-G-M», — e não poucas vezes nos sentimos entusiasmados com todo aquele «panorama»... Mas Madge Evans está nas fotografias com fatos de sport ou com trajos de cerimónia... Suspeitamos, claro está, que ha-de ficar muito bem em fato de banho, — mas a rapariga ainda não se deixou fotografar de tal modo. Não por pensar que é melhor actriz que as outras raparigas e julgue que pode prescindir desta publicidade, mas por ter a convicção de que assim também poderá vencer...

Madge é o que poderemos chamar uma ingénua moderna. Aqui ha alguns anos, a palavra «ingénua» era mortificante e «sem sal»... Mas hoje as ingénuas são quasi umas vamps fatais, com

a vantagem de não precisarem de grandes trejeitos para conquistar os homens.

Madge Evans é bonita, bem formada, e uma actriz de finíssima sensibilidade. Desde a infância que trabalhou em prol da arte cinematográfica. Mais tarde tornou-se famosa no teatro e agora de novo volta ao cinema convertida em brilhante «estrêla». Diz-se que deixou o noivo em Nova York, mas Madge sorri e cala-se, porque não gosta de se expôr a uma publicidade escandalosa. Vive com sua mãe num andar moderno, mas modesto, e frequênta um reduzidíssimo grupo de conhecidos.

A nossa biografada não chora quando o heroi a abandona, — momentaneamente, compreende-se —, pela vampe, espera tranquilamente a sua volta, pois está certa do seu triunfo. Madge não tem que

empregar perfumes nem maquilhagens para cultivar a sua beleza serena, límpida, que conquista os corações dos homens e a simpatia das mulheres.

Não ha muito, Peggy Shannon, que é uma das mulheres mais francas que pisam o solo cinematográfico, declarou que não conhecia mulheres tam perfeitas como Madge. Que melhor afirmação pode fazer uma mulher a favor de outra mulher?...

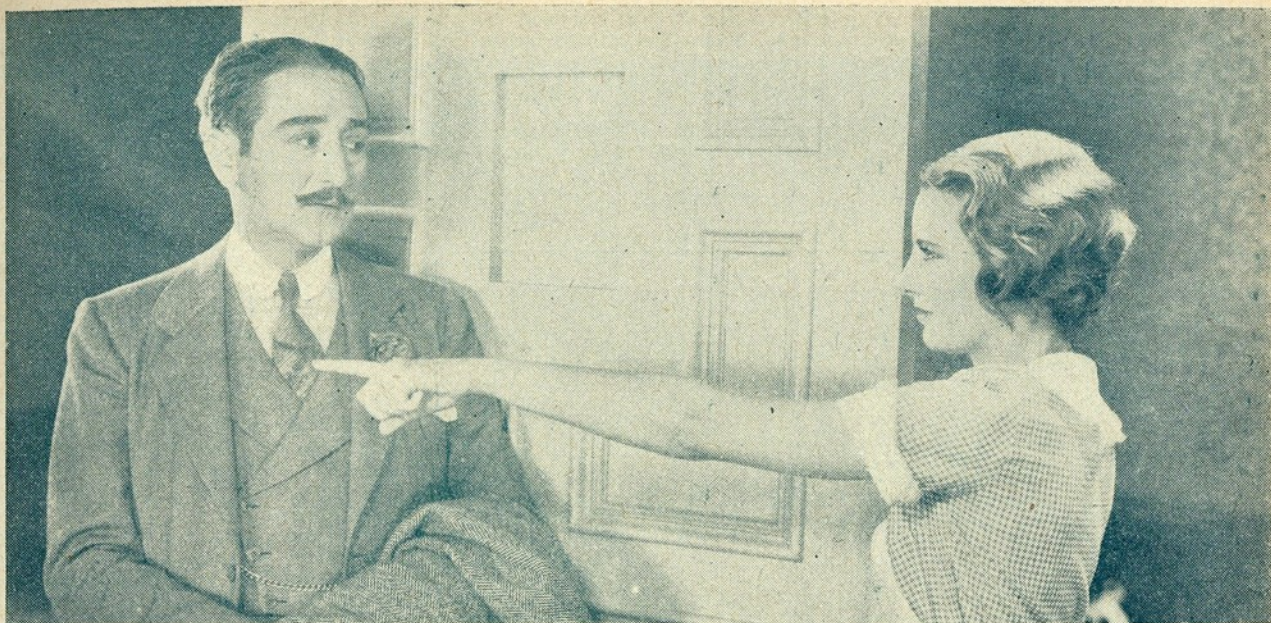
Madge Evans apresenta-nos uma nova classe de heroína: a heroína valente e corajosa que não chora para atrair o homem amado e que não se desespera quando o perde, porque sabe que mais tarde ou mais cedo êle ha-de voltar.

... E se êle não volta não é capaz de chorar, porque ficam no mundo homens a quem amar...

Efemérides dêste mês

Agosto 1932

- Agosto 6 (1919) — Nos cinemas «Trindade» e «Batalha» estreia-se a fita «Panther», com William Duncan e Carol Holloway.
- 9 (1920) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, a fita «O Jardim Encantado», com Pina Menichelli.
- 12 (1920) — O «Diário de Notícias» começa a publicar em folhetins a novela «Amor Fatal», que a Invicta-Film levou ao écran.
- 13 (1930) — Jack Pickford, viuvo de Olive Thomas, divorciado de Marilyn Miller, casa com Mary Mulhern, das «Ziegfeld Follies».
- 14 (1919) — Pela primeira vez no Porto aparece o actor americano Wallace Reid, interpretando a fita «O Peão Amarelo», estreada no «Passos Manuel».
- 16 (1920) — Estreia-se no «Chiado Terrasse» e no «Olimpia», de Lisboa, a fita «Bouclette», com Gaby Deslys e Signoret.
- 17 (1921) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, a fita «O Club dos Suicidas», com Aurele Sidney (Ultus).
- 19 (1924) — Jonh Gilbert divorcia-se de Leatrice Joy.
- 22 (1919) — Estreia-se no «Condes», de Lisboa, a fita «Branquinha, a Lavadeira», com Mary Pickford.
- 23 (1926) — Morre na América o actor Rodolfo Valentino.
- 24 (1921) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, a fita «Adeus Juventude», com Maria Jacobini e Helena Makowska.
- 25 (1920) — Estreia-se nos cinemas «Trindade» e «Batalha», do Porto, a fita «Quadros Históricos da revolução de 1820», propriedade do Clube dos Fenianos.
- 26 (1930) — Com 47 anos, morre em Los Angeles o actor Lon Chaney.
- 28 (1920) — Morre em França, vítima dum acidente de automóvel, a actriz Suzanne Grandais, que contava 27 anos.
- 30 (1919) — Publica-se o 1.º número da revista «Porto Cinematográfico», sob a direcção de Alberto Armando Pereira.



Adolphe Menjou e Bárbara Stanwyck, em "Amor Proibido", da "Columbia"

"Amor Proibido"

Produção da «Columbia»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Barbara Stanwyck, Adolphe Menjou
e Ralph Bellamy

ARGUMENTO

"Amor Proibido" é o exquisto relato de uns trágicos amores; trágicos porque, embora chegassem à excelstude da abnegação, do sacrificio, jamais obtiveram, jamais quiseram obter a sanção e o adulator aplauso social tam fáceis aos poderosos. Um ser querido, inocente da sua incapacidade procreadora, a esposa invalida, interpõe-se entre os dois amantes como barreira sagrada que eles recusam violar com o torpe artificio de um divórcio indigno.

Em um ambiente de excessivo puritanismo, no qual até os mais insignificantes actos da vida privada de um politico são minuciosamente investigados por hipócritas moralizadores, o idílio tinha forçosamente de enveredar por occultos caminhos, e os amantes vivem em constante sobressalto, continuamente espiados, cheios de receios por vezes infundados, procurando fugir ao pertinaz inimigo, o director de um diário da opposição que, convertido em veículo do escandalo, teria triturado inclementemente a reputação daquele homem que aspira às mais altas honras rentre os seus concidadãos.

A jovem provinciana, que vê a sua vida frustrada na pesada quietude de um pequeno povoado, decide gastar as suas economias para se permitir o prazer de uma viagem cheia de conforto e de luxo, no decorrer da qual realizará os seus anseios de conhecer a vida do grande mundo. Estamos na primavera, tudo ten-

de para o amor, e o amor é a causa da sua inquietude. Num dos luxuosos transatlanticos que fazem a travessia para La Habana a sonhadora conhece o homem que ha-de reger o seu destino. O doce idílio iniciado durante a alegre aventura converte-se em paixão avassaladora. O homem, integro, honrado, incapaz de se valer do embuste, trata de conter a torrente que os impele; a jovem, considerando que só o divórcio poderia legalizar a união entre ambos, pensa na vítima inocente, a esposa do seu amante, a quem magnanimamente reconhece credora do amor e dos cuidados daquele homem, e rompe as illicitas relações. A torrente avassaladora arrasta-os e eles terminam por claudicar ante o destino inludível.

Ela é para elle a inspiração, a voz que estimula e que consola; a companheira abnegada que tudo sacrifica por elle, submergindo o seu ser, retirando-se para além da penumbra, a-fim de não empanar a aureola de glória do seu amante; animando-o sempre, sufocando os seus temores, vendo-o seguir passo a passo o caminho que deve conduzi-lo ao triumpho.

Paradoxicamente este idílio, que o mundo apelidaria «Amor Proibido», é um romance encantador em que os dois protagonistas se tornam credores das simpatias do público e dignos de felicidade.

Uma filha, fruto dos seus amores clandestinos, é adoptada por elle. A criança chega a ser o orgulho e o consolo da esposa invalida, que vê nela um alivio ao desgosto da sua infecundidade. O implacável jornalista, embora ignorante das verdadeiras relações entre a jovem, da qual é um constante admirador, e o seu inimigo politico, é a causa desta dolorosa separação. E mais tarde por essa filha, a amante fará o supremo sacrificio de destruir o testamento daquele homem a

quem amou até à morte, condenando-se a si mesma, para sempre, a vegetar entre as fileiras dos desamparados, no montão dos sem nome, sofrendo, dura sina das almas fracassadas.



Indiscrições de Hollywood
E' isto o amor!...

Vou-lhes contar o mais recente e assombroso capítulo do generoso amor de Bárbara Stanwyck por Frank Fay, seu marido.

Hollywood, onde o amor é um jogo com poucos prémios, não pode compreender Bárbara. Os sentimentais adoradores da bonita mulher não cessam de falar dela, — e a gente do cinema limita-se a olhar as suas atitudes em aberta critica contra a rapariga que voluntariamente deixou um brilhante futuro no cinema para seguir fielmente o seu pouco afortunado esposo.

Os produtores não queriam contratar Frank... E Frank, ao sentir-se na sombra, exprimiu desejos de visitar de novo Nova York, onde era muito querido pelo público teatral, — e Bárbara obedientemente empacotou as suas sedas e docilmente o seguiu...

E agora um novo capítulo se juntou aos já escritos acerca do romance destes dois.

Creio que o amor de Bárbara Stanwyck se pode comparar ao de Dante e Beatriz ou ao de Paulo e Virginia...

Aqui está a nova história — que se está desenrolando nestes dias.

Local — Nova York.

Bárbara está a descansar entre a filmagem de duas películas. Frank, recusando a sentença de fracassado com que foi obsequiado por Hollywood como actor cinematográfico, escreveu, pagou

e interpretou uma película falada intitulada «Fool's Advice» e anda em busca de um mercado adequado para a apresentar em público.

E agora estamos no teatro «Palace Theater», de Broadway, o melhor teatro de variedades do país.

Cá íora os cartazes rezam assim: «Barbara Stanwyck — Frank Fay»...

coisa divina o que estamos contemplando. Nunca esteve mais bonita! Fay faz a apresentação, — como se ela precisasse de apresentação!...

Com poucas palavras Frank Fay apresenta-nos Bárbara Stanwick em «Navidad», sainete em um acto dirigido por Frank e escrito por Fay...

Deixemos correr uma generosa cor-

reia. Bárbara aparece de vez em quando e com trajos diferentes. Todos são bonitos e vaporosos, mas não tem graça o que diz e o que faz, — e às cinco e vinte a cortina cai pela última vez.

Os meus pobres e tristes olhos contemplaram o espectáculo mais desconcertante do mundo...

Vi uma das «estrêlas» mais proeminentes do cinema, e certamente, uma das raparigas mais bonitas e atractivas do mundo, deliberadamente fazendo «o idiota» por um actor de variedades a quem ama com loucura. Ajudando-o com o seu nome, com o seu talento e com a sua juvenil formosura...

Ela cooperou com a sua habilidade artística nuns minutos de tragédia devidos à sua pena, sacrificou a sua dignidade por êle ao tomar parte em tam lamentável e vulgar comédia. Em poucas palavras, Bárbara deu-se tóda para ajudar Frank.

Foi um espectáculo certamente desconcertante e não muito feliz. Mas eu só posso murmurar a célebre frase de Miss Ethel Merman: «Minhas senhoras e meus senhores: — é isto o amor!...»

Agora rompamos dez ou doze folhas ao nosso calendário...

Outra tarde em frente ao grande «Palace Theater», de Broadway. Mas nos cartazes aparece só um nome: Bárbara Stanwick!...



BUSTER KEATON (PAMPLINAS), que continua a ser um dos primeiros cómicos americanos, continúa também na «M-G-M», que nos dará na próxima época «Pamplinas Milionário».

Frank havia-se retrinado e no palco reinava Bárbara. Até o seu público fiel o havia esquecido e só chamava por Bárbara, E Bárbara bem merece esta simpatia do público.

Haveria outra «estrêla» que fizesse o que ela fez pelo homem amado?

Tam depressa terminem os seus compromissos em Nova York, coisa que se verificará dentro de um mês, os dois voltarão de novo a Hollywood. Estou seguro que irão de mãos dadas, olhando-se ternamente nos olhos.

A «Warner Brothers» está bailando de alegria e felicidade porque ainda pode ter Bárbara para quatro películas mais êste ano, e a «Columbia» considera-se afortunada porque ainda tem contrato para mais uma película.

Uma vez de novo na Cinelândia, Bárbara será outra vez a «estrêla» fulgurante, o nome que enche teatros e cinemas com o seu único anúncio.

E Frank?... Talvez encontre esta vez o que tanto ambiciona...

E de tudo isto o que perdurará será o Amor, o Amor, sim, com letra maiúscula. E agora esperemos uns dias, pois não ha-de tardar em aparecer um novo capítulo do romance de Bárbara e Frank...

LEONARD HALL.

Dentro, à hora de uma sessão de «matinée», meio teatro espera a saída do par real.

Aquí vem Frank com chapéu de copa, elegantíssimo com um fato castanho, as suas calças côr-de-creme, colar estilo Tord Byron e sapatos de couro castanho. Cumprimenta como êle só é capaz de o fazer e depois introduz-nos no acto seguinte — e aquí aparece Bárbara. E' uma

tina sobre os dez minutos seguintes... Fay depois sál e durante mela hora trata de nos divertir com as suas brincadeiras, ajudado pelos seus assistentes, mas já não é o mesmo que nos cativava com um só gesto. A amargura do fracasso roubou-lhe a desenvoltura e a segurança. Dantes fazia as coisas espontaneamente, agora procura efeitos e não os consegue.

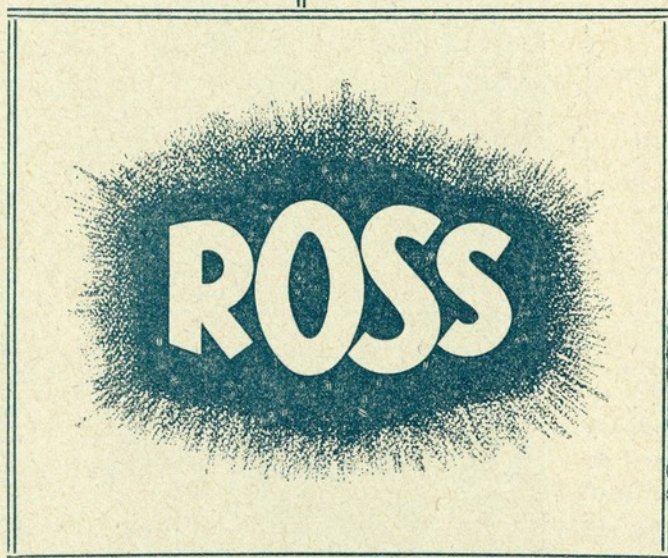
Com o calor que está fazendo, achamos que Lita Chevret podia e devia dispensar tanta roupa sobre o corpo...

Lita Chevret, que vocês não conhecem (nem nós, por infelicidade!) é uma espécie de Venus de Milo, com braços...

Tem trabalhado na "RKO", que há muito não manda cá fita nenhuma. Pouca sorte!...



Está a imprimir-se o
catálogo ilustrado
dos postais de artis-
tas de cinema da
marca



que será
enviado a quem o
pedir, contra a
remessa de 1\$50
em sêlos do correio



NAS SUAS FÉRIAS

escreva às pessoas de suas
relações num postal "ROSS."



Representante para Portugal e Colónias
ALBERTO ARMANDO PEREIRA
Rua do Bomjardim, 436-3.º, PORTO

Dentro e Fóra dos Estudios

Sob a direcção de Carl Lamac, Anny Ondra vai fazer para a «Bayerische Film», de Munich, a fita «A Filha do Regimento».

John Barrymore depois de fazer com seus irmãos Ethel e Lyonel Barrymore, uma fita para a «M-G-M», cuja acção se passa na Rússia, de 1907/17, interpretará para a «RKO», com Billie Burke, a fita «Bill of Divorcement».

John Gilbert com Jean Harlowe

A próxima fita de John Gilbert para a «M-G-M» será «Red Dust», sob a direcção de Jacques Taylor e com Jean Harlow como primeira actriz.

O desenhador Walt Disney acaba de produzir um filme da sua conhecida série «Silly Symphonies», tóda em colorido. Intitula-se «Flowers and Trees» («Flores e Arvores»).

Joan Bennett, que acabamos de ver em «Cantagem», vai interpretar para a «Fox» a fita «Salomy Jane», sob a direcção de Raoul Walsh, o realizador de «A Fera Amansada».

Greta Garbo não sai da «M-G-M»

Greta Garbo embarcou em Nova-York, com destino à Suécia, em 30 de Julho findo. Vai passar as férias à Suécia, findas as quais regressará à América, para continuar a trabalhar para a «M-G-M». Antes de partir, Greta Garbo assinou um novo contrato com aquela casa, pelo qual o seu ordenado é elevado a 12.500 dólares por semana.

Na versão fonofilmica de «Os Miseráveis», que a «Pathé-Natan» está produzindo, os papeis de Jean Valjean e Jabert são interpretados respectivamente por Gabriel Gabrio e Charles Vanel.

A «M-G-M» vai fazer «The White

Sister» («A Irmã Branca»), com Helen Hayes. Esta fita foi feita há anos, em silencioso, com Lilian Gish.

John Francis Dillon será o realizador da fita «Call Her Savage» que Clara Bow vai interpretar para a «Fox».

Joan Crawford vai ser a protagonista de «Promiscuous» fita que a «M-C-M» tem em preparação.

Gennaro Dini, que há anos realizou em Portugal «As Capas Negras», está dirigindo em França, nos estúdios da «Eclair», a fita «Une Voix qui meurt».

O actor francês Fernand Gravei vai ser o parceiro de Kate de Nagy numa próxima fita da «Ufa».

Clive Brook vai interpretar a fita «A Noite de 13 de Junho».

Lilian Harvey continua doente. O seu estado não inspira cuidados, mas a convalescença será demorada.

Nils Asther foi contratado pela «Columbia» para interpretar o primeiro papel masculino da fita «The Bitter Tea of General Yen», com Barbara Stanwyche e Anna May Wong.

Vilma Banky, que se encontra na Hungria, vai fazer na Alemanha a fita «The Rebel», para a «Universal» americana. A acção passa-se no Tyrol e o primeiro actor será Luis Trenker.

Joan Crawford e seu marido Douglas Fairbanks Junior saíram no dia 28 de Julho findo, de Londres, na «Flecha de Ouro», com destino a Paris.

A nova casa «Reliance Pictures» acaba de contratar George Bancroft para protagonista da sua primeira fita «Brooklyn Bridge» («Ponte de Brooklyn»).

Chegou ha dias a Londres, de onde seguiu para Berlim a actriz americana Ann Dvorak, acompanhada de seu marido o actor Leslie Fenton. Ann Dvorak vai interpretar a versão inglesa duma comédia da «Ufa», a primeira

fita do acôrdo ha pouco realizado entre a «Gaumont-British» e a «Ufa».

Mack Sennett começou em fins de Julho a produção, sob a sua própria direcção, da fita «Hypnotized», com Maria Alba como principal intérprete.

Para o próximo filme de René Clair

Anuncia-se que Henry Garat e Annabella serão os protagonistas do próximo filme de René Clair, cujo titulo ainda não está fixado.

O ministro da Marinha do governo francês proibiu ha dias a estreia de «O Submarino ferido», no «Olimpia», de Paris, em virtude da semelhança entre aquele filme e a catástrofe do «Promothée».



Um jornalista francês queria que o Pabst tivesse escolhido a Gina Manès para a Antinéa de «Atlantida». Também estaria bem. Mas a Brigitte Helm não está peor. Nós fariamos assim: aquela para a versão francesa e esta para a versão alemã. E toda a gente ficaria contente. E o filme nada perderia do seu valor.

Ha alguns anos os rostos das «estrélas» do cinema — pintados de vermelho, verde e azul — deviam ter feito empalidecer as máscaras dos índios americanos.

Hoje em dia sucede precisamente o contrário: desde a invenção do filme «pancromático», as cores vivas de outrora cederam o lugar aos tons escuros. Tudo é castanho: os pós, o creme, o *rouge*, (que neste caso não merece tal nome), a pintura dos lábios, o lápis para as sobrancelhas.

Mas não foram apenas as cores que mudaram. O sistema de aplicar a maquiagem também mudou. Dantes havia a tendência para pintar os lábios em forma de coração e corrigir as feições de acordo com as normas de beleza do dia. Ao implantar-se a palavra no cinema, foram postas de parte aquelas bonitas bocas «à Mae Murray», cuja afectação se destacava vivamente ao falar. E nasceu um novo sistema, tendente a afirmar a própria individualidade, acentuando-se com a maquiagem, em vez de se procurar esbate-los, os traços característicos de cada indivíduo.

A Garbo e a Crawford, por exemplo, têm a boca grande. Pois, em vez de procurarem «reduzi-la», grande a tem e grande a mostram quando trabalham, acentuando apenas com o lápis escuro as suas linhas naturais. Ambas apresentam sobrancelhas finas e curvas. Mas as sobrancelhas da Garbo produzem um efeito exótico, enquanto que as de Joan parecem arredondar os olhos, acentuando o seu olhar juvenil.

Embora possa falar-se, de um modo geral, do novo sistema de maquiagem, é impossível indicar-se uma regra definida: cada artista necessita de uma maquiagem diferente, de acordo com o seu rosto, com a sua personalidade e ainda com o papel que representa.

Joan Crawford e a Garbo, por exemplo, apesar das semelhanças apontadas, necessitam de maquiagens diferentes: Joan usa «mascarar» nas pestanas — um «mascarar» preparado com base de vasalina em vez de água, o que lhes dá, digamo-lo de passagem, brilho e flexibilidade. A Garbo, cujas longas pestanas, por certo bem dela, despertaram a curiosidade do mundo inteiro, não pinta os olhos, limitando-se a desenhar uma linha escura no bordo da pálpebra inferior e na base das pestanas.

E' sabido que o chamado «creme de maquiagem», que serve para que os pós adiram à cutis, se usa também para dissimular as rugas. Era de supor que Marie Dressler usasse este creme mais do que qualquer outra artista, mas de facto não é assim. Marie deixa as rugas onde os anos as desenharam; a sua maquiagem consiste especialmente numa camada de pós, com ligeiras pinceladas nos lábios, nas sobrancelhas e nas pestanas. Só uma ou outra vez, como quando representou o papel de uma mulher jovem em certos episódios da sua película mais recente, recorre ao creme para tornar a pele mais lisa.

A propósito de pele: a de Norma Shearer é perfeita... dá-nos a ideia de aquela cutis «suave ao contacto» de que falam os anúncios de cremes e de sabonetes. Miss Shearer faz gala de um rosto em geral rosado, mas, como o rosado no

A Maquiagem... ontem e hoje

écran parece escuro. vê-se forçada a dissimular a sua deliciosa cor com uma camada de creme de um tom acastanhado. Depois sombreia também os olhos com cor de café, mais suave na base das pestanas e mais escura nas palpebras. Tem as sobrancelhas muito separadas entre si, característica que ela acentua cuidadosamente. E para terminar a sua maquiagem, escurece as pestanas com «mascarar» castanho e pinta os lábios dessa mesma cor.

Como tôdas as actrizes muito jovens, Anita Page esforça-se por parecer «crescida». Com este intuito, fez alterar a linha das sobrancelhas para adquirir uma expressão mais séria, e renunciou à linda boca em forma de coração para pintar os



Esta Anita Page é um milagre. Faz sempre papeis secundários, dão-lhe sempre personagens um tanto apagadas, ainda não lhe apresentaram uma ocasião para brilhar, mas, apesar de todas essas contrariedades, o nosso público tem um «béguin» pela Anita Page, uma popular actriz da «M-G-M».

Mas, por favor, senhores de Culver City, dêem-lhe oportunidade, sim?

lábios tais como realmente os tem. E o resultado foi... parecer mais jovem do que nunca. Diremos também, já que se nos oferece ocasião de o fazer, que Anita tem as pestanas muito longas, circunstância que ela explica com o hábito que tem de lhes dar ligeiros puxões depois de tirar o «mascarar». Segundo ela, este sistema dá nova vida e vigor à raiz das pestanas.

Madge Evans é outra devota do credo da individualidade. Com maquiagem

ou sem ela, é sempre Madge Evans... a Madge Evans de sobrancelhas direitas e lábios graciosamente curvos, que não pretende dissimular com os cabelos a largueza da sua frente.

E não esqueçamos Karen Morley, recentemente contratada pela «Metro Goldwyn Mayer», que teve a gentileza de nos explicar detalhadamente como aplica a maquiagem.

«Primeiramente, — disse Karen —, ponho creme de cor castanha. Depois sombreio os olhos e aplico «mascarar» nas pestanas. Uma vez feito isto marco as sobrancelhas com um lápis especial e pinto a boca, tal como a tenho, deixando os pós para o fim. Desta forma, se os pós não ficam bem, escuso de repetir todo o *make-up*.

«Terminado o meu trabalho, tiro imediatamente e com cuidado toda a maquiagem... Todos os artistas assim fazem: do contrário não restaria uma única cutis fresca e aveludada na cinelândia.

CONCHITA URQUIZA.

A «Fox» vai fazer fitas em França

Sidney R. Kent, antigo vice-presidente e director geral da produção da «Paramount» e actualmente presidente da «Fox», produzirá em França ou fará produzir por produtores independentes, 10 a 15 filmes em francês. Sidney R. Kent adquiriu os direitos da fita francesa «Crois de Bois», para fazer na América uma versão em inglês.

Neste mês fazem anos:

Agosto 1932

- 1 — William Orlamond.
- 2 — Myrna Loy (27).
- 2 — Olga Baclanova.
- 2 — Claude Gillingwater (62).
- 3 — Dolores Del Rio (27).
- 4 — Anita Page (22).
- 4 — Helen Kane (24).
- 5 — Shannon Day.
- 7 — Ann Harding.
- 8 — Tom Tyler (29).
- 9 — Dorothy Jordan (22).
- 9 — Charles Farrell (30).
- 10 — Norma Shearer (28).
- 11 — Howard Bosworth (65).
- 12 — Cecil B. De Mille, realizador, (51).
- 13 — Mary Duncan (27).
- 13 — Charles Rogers (28).
- 14 — Robert Woolsey (43).
- 15 — Estelle Brody.
- 16 — Lucien Littlefield (37).
- 17 — Winnie Lightner.
- 18 — Jack Pickford.
- 19 — Colleen Moore (30).
- 19 — Eleanor Boardman (34).
- 19 — June Collyer (25).
- 22 — Nick Lucas (35).
- 24 — Charles Sellon (54).
- 25 — George Fawcett.
- 30 — Audrey Ferris (23).
- 30 — Joan Blondell.
- 31 — Fredric March (34).

Pelos nossos Cinemas

DENTRO DA LEI (Paid): — Joan Crawford tem na minha pessoa um dos seus maiores admiradores portugueses. Os seus filmes tem passado pelos nossos cinemas sem dar tempo a que o público se fixe bem no valor muito grande da «estrêla» da «M-G-M», de modo que o nome de Joan Crawford não representa ainda entre nós aquela força de atracção de bilheteira que na América a impôs ao apreço de todos os empresários, porque é actriz querida de tôdas as *flappers*, adorada por todos os *fans*.

E tem razão o público americano, porque, na verdade, Joan Crawford é uma das mais completas actrizes de cinema. Eu tenho acompanhado a sua carreira desde o seu nascimento, desde que, pelo concurso, ha 8 ou 9 anos organizado pela «Movie Week'y», ela deixou de ser Lucille Le Sueur, que Harry Rapf, da «M-G-M», tirou dos palcos de Broadway, para ser Joan Crawford, um novo elemento nos estúdios de Culver City, até à sua consagração como «estrêla», a recompensa natural do seu talento, que não podem negar-lhe os que têm podido fixar-se no trabalho de Joan Crawford, nos seus méritos próprios, a passarem por cima de outros nomes aureolados por favoritismos ou charamelas de publicidade.

Mas também o público português tem certa razão, se não pôde ainda apreciar devidamente o valor de Joan Crawford, como grande actriz. E' que nenhum dos seus filmes constituiu ainda uma produção de envergadura nivelada com as suas qualidades. Peripécias cheias de banalidades ou histórias convencionais e pouco aceitáveis para o nosso público, têm sido campo muito restrito, de horizontes muito apertados, onde as faculdades de Joan Crawford se debatem sôzinhas, sem permitirem que o público lhes tribute o apreço que merecem.

«Dentro da Lei» não apresenta grande melhoria na qualidade dos argumentos que têm dado a Joan Crawford. Mas, no tema policial que lhe serve de base, há situações bem cuidadas, onde a figura da protagonista, saliente, dominadora, se impõe sobremaneira, sem deixar de se vêr rodeada de equilibrado ambiente artístico. Uma delas, até — quando, em grande plano, aparece a cabeça de Joan Crawford defendendo-se das acusações que lhe fazem, alternando com as imagens dos acusadores — é de grande recorte cinematográfico; e se o realizador Sam Wood tivesse dado a essas imagens dos individuos que dialogam com a protagonista a a mesma posição em relação ao *ôlho* da objectiva, isto é, se dessas personagens nos fossem apresentadas só as cabeças, também em *close-op*, como a de Joan Crawford, teríamos bela seqüência filmica, que a colaboração sonora nada prejudicaria. Nessa situação, na cena inicial da condenação, e na seqüência do interrogatório até às cenas finais, tem Joan Crawford momentos de grande relevo dramático, que devem ter feito subir grandemente a cotação da primorosa actriz no apreço do nosso público. E merece-o.

Marie Prevost (que me fez recordar daquelas antigas comédias da «P. D. C.») aparece-nos demasiado gorda, mas, como outrora, apreciável actriz. O seu diálogo com o comissário de policia é magnífico de expressão natural. Kent Douglass, que vi pela primeira vez, não me agradou nada no marido da protagonista. Hesi-

tante, discutindo e dialogando de mãos nos bolsos (não me digam que é característica da personagem...), e ainda por cima interpretando uma figura que o cenário não recortou convenientemente, este jovem actor é a única nota discordante da interpretação. Robert Armstrong, no chefe dos *racketeers*, foi um actor convincente. Gostei! A John Miljan não ficou nada mal a mudança que sofreu: dos «antipáticos» a que estamos habituados a vê-lo, passou para comissário de policia. Parabens.

«Dentro da Lei» é o melhor filme de

Greta Garbo



*Sorriso meigo, ameno, sedutor,
Olhar soturno, calmo e perturbante,
De forma esbelta, firme e elegante,
Simples de traje, digna de louvor!*

*Longo cabelo de doirada côr
Nos ombros pousa leve e arrogante,
Parte do rosto cobre, qual amante
Avaramente beija seu amor.*

*P'ra tentação mostra beleza infinda
A divina figura, e cegamente
A natureza criva de louvores:*

*A face triste, imperiosa e linda,
Os olhos taciturnos grandemente,
São os mais misteriosos tentadores...*

De o «Bosque da Saúde».

M. MONTEIRO.

Joan Crawford. Merece ser visto. Pena é que ainda nos apresentem fonofilmes com tanto diálogo, que os prejudica cineráficamente e os inferioriza aos olhos do espectador.

Autor: Bayard Veiler — «Within the Law». Cenaristas: Lucien Hubbard e Charles MacArthur. Fotógrafo: Charles Rosher. Director de som: Douglas Hearer. Realizador: Sam Wood. Intérpretes: Mary, Joan Crawford; Joe Garson, Robert Armstrong; Edward Gilder, Purnell B. Pratt; Seu filho Bob, Kent Douglass; Agnes, Marie Prevost; Comissário Burke, John Miljan; O advogado, Hale Hamilton; Polly, Polly Moran; Eddie Griggs, Tyrell Davis; Bertha, Gwen Lee; Carney, William Bakewell; Cassidy, Robert Emmett O'Connor.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwin-Mayer». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 25 Julho 1932.

CHANTAGEN (Hush Money): — Se não estou em erro, ainda não ha muitos anos, nos últimos do sonoro, apareceu um filme francês com este mesmo título, com Huguette Duflos como protagonista. O assunto era absolutamente diverso, os produtores e intérpretes eram outros, mas, apesar disso, parece-me que nada lucra um filme em tomar título igual ao de outro já exibido, embora o fosse ha anos passados.

Eu aguardava «Chantag m» com duplo interesse: o de ver pela primeira vez um filme de Joan Bennett, e o de apreciar o trabalho directivo de Sidney Lanfield, um nome que eu ignorava como realizador e que só conhecia como cenarista de «Uma rapariga em cada pórtio».

O trabalho de Sidney Lanfield não me satisfaz inteiramente. Mostra apenas assomos prometedores. A maneira como elle faz salientar a felicidade entre o casal (Joan Bennett e Hardie Albright) é convincente e bem imaginada. O fecho da película é felicíssimo e é o quadro mais «cinema» de toda a obra. Mas, por outro lado, e com a cumplicidade, é claro, dos cenaristas, arrastou demasiado a desnovelização da história, perdendo-se em pormenores insignificantes para alcançar o objectivo — e assim transformou em estáticas muitas cenas do filme.

O que me agradou foi a figurinha mimosa de Joan Bennett e a demonstração que nos dá esta actriz de possuir qualidades que devem torná-la um dos ídolos do público, quando novos filmes de sua interpretação aparecerem nos nossos cinemas. Num papel que se desenvolve com socalcos de importância, Joan Bennett aparece-nos a dominá los com relativa facilidade, sobria mas precisa nos gestos, expressiva e segura nas inflexões da sua voz. E fico à espera de novo filme de Joan Bennett.

Douglas Cosgrove, Owen Moore, Hardie Albright e Myrna Loy formam um conjunto homogéneo num filme que não tem grandes pretensões mas que se vê agradavelmente.

Autores: Phillip Klein e Courtenay Terrett. Cenaristas: Os mesmos. Realizador: Sidney Lanfield. Intérpretes: Joan, Joan Bennett; Elliott, Hardie Albright; Sieve, Owen Moore; Detective Emmett, Douglas Casgrove; Flo Cur-

tis, Myrna Loy; Curtis, C. Henry Gordon. Outros intérpretes: Georg Raft, Hugh White, André Chéron, Henry Armetta, George Irving, Nella Walker e Joan Castle.

Produzida em 1931 pela «Fox». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal — Secção «Fox». Estreada no «São João» em 25 Julho 1932.

MULHERES DE TODAS AS NAÇÕES (Women off All Nations): — Se a «Fox» pretendeu dar-nos uma obra de bom cinema, ou, pelo menos, um trabalho espectacular daqueles em que Raoul Walsh se especializou, como «Babilonia», «O Preço da Gloria» ou «O Ladrão de Bagdad», ficou muito longe do alvo das suas pretensões. Se quis apenas aproveitar o nome do realizador e da parilha Victor MacLaglen Edmund Low, já celebrizada em «O Preço da Gloria» e «O Mundo às Avessas», a que acrescentou elementos magníficos como Greta Nissen



Marie Prevost, que ha anos era uma das preferidas dos cinéfilos de então (vocês lembram-se de «No Quarto de Mabel»?), aumentou de gordura mas não diminuiu de talento. A sua interpretação em «Dentro da Lei», ao lado de Joan Crawford é a demonstração de que Marie Prevost merece ainda a atenção do público.

e, principalmente, o excelente actor que é El Brendel, para nos dar uma produção essencialmente cômica, no diálogo e na acção, sem preocupações de lógica ou verosimilhança, então logrou perfeitamente o seu objectivo.

Porque «Mulheres de todas as Nações», escrita sem atender a preconceitos de continuidade, visto a deslocação dos lugares da acção facilitar grande-

mente a tarefa, atendendo quasi exclusivamente à saliência dos efeitos cômicos, pelo humorismo do diálogo e, sobretudo, pelo aproveitamento dos gags, interpretada por um grupo de magníficos artistas, é, na verdade, uma comédia engraçadíssima, que faz gargalhar todo o público, que põe em alvoroço toda uma plateia.

As legendas, escritas com certo humorismo, dão a sua quota parte de graça. Só não posso perdoar que o adaptador nos falasse em minas de óleo, só porque petróleo em inglês é oil...

Autores: Laurence Stallings e Maxwell Anderson. Realizador: Raoul Walsh. Intérpretes: Sargento Flagg, Victor MacLaglen; Sargento Quirt, Edmund Lowe; Elsa, Greta Nissen; Olsen, El Brendel; Fifi, Fifi Dorsay; Pee Wee, Marjorie White; Príncipe Hassan, Bela Lugosi; Izzy, Jesse De Vorka; Comandante dos marinheiros, T. Roy Barnes; Kiki, Joyce Compton.

Produzida em 1931 pela «Fox». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal, Secção Fox. Estreada no «Trindade» em 26 Julho 1932.

A FERA AMANSADA (The Taming of the Shrew): — Tem esta fita o mérito de ser interpretada pelo casal Douglas Fairbanks-Mary Pickford, dos mais célebres que a Cinelandia possui, dos poucos que ha mais de quinze anos estão interpretando primeiros papeis, e ainda se encontram na berlinda, não se sabe até quando...

Hemos de concordar, porém, que «A Fera Amansada» não corresponde à categoria dos dois anteriores produções de cada um deles. Não sei o que diz a obra de Shakespeare, mas parece-me que na transcrição fílmica de Sam Taylor ha muito de exagero e de desparatado, transformando certos momentos de comédia em pura farça, acentuadamente burlesca, mais própria de Laurel e Hardy... Depois, os diálogos saem em rompente, a ferir os tímpanos, ribombam como trovões, sem que o ouvido do espectador e até o do crítico possam distinguir se o mal vem da gravação sonora ou da falta de prática dos artistas, diante do mike, demais que se trata dum dos primeiros fonofilmes. E sobre isto, a fotografia mostra-se defeituosa, mas defeituosa por todo o filme, esbatida, sem relêvo, o que leva a supor que na tiragem da cópia se encontra a origem de tal falha, porque o operador-chefe foi Karl Struss, o fotógrafo que foi de «Aurora», de Murnau...

A despeito destas falhas, o público riu com «A Fera Amansada», com as exaltações felinas da Mary e com as peripécias do Douglas, para a domesticar... O que quer dizer que o êxito de bilheteira está garantido... Também, havia para ai uma tal fome de Douglas Fairbanks!...

Autor: William Shakespeare. Cenarista: Sam Taylor. Fotógrafo: Karl Struss. Realizador: Sam Taylor. Intérpretes: Katherine, Mary Pickford; Petruchio, Douglas Fairbanks; Hortensio, Geoffrey Wardwell; Baptista, Edwin Maxwell; Bianca, Dorothy Jordan; Grumio, Clyde Cook; Gremio, Joseph Cawthorne.

Produzido em 1929 pela «United Artists».

Laurel e Hardy na Europa

Os dois conhecidos cómicos Stan Laurel e Oliver Hardy chegaram a Londres no sábado, 23 de Julho. E' a sua primeira visita à Europa, contando aproveitá-la para percorrer a Inglaterra, seguindo depois para Paris, Deauville, Berlim, Antuérpia, Bruxelas e, possivelmente, Madrid.

Programa Castelo Lopes. Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 1 Agosto 1932.

FERAS (Une Bella Garce): — Num fundo movimentado da vida dos circos ambulantes, Marco de Gastyne assentou uma história de amor, brutal, mas com certa originalidade, e no-la descreve a traços fortes, vigorosa e demarcadamente. Pena foi que, sobretudo na primeira metade do filme, se perdesse em imagens absolutamente escusadas, em demorados e arrastados preparativos, para depois precipitar a acção, até com defeitos de montagem, que tiram à narrativa as características duma desejada e perfeita continuidade. Mas, apesar disso, a fita mostra-nos quadros trabalhados com grande dinamismo, e a sequência final da apresentação das três leões é impressionante, está primorosamente montada, como excelentemente filmada.

Gabriel Gabrio, correcto de gestos e de expressões, de físico absolutamente identificado com a personagem do domador, satisfação. Gil-Clary, Jouviano, Quevedo, Paulais, Raymonde Sonny e Simone Genevois, nivelados, mas sem grande coisa que fazer. A Simone Genevois! Vocês lembram-se daquela petizinha que no princípio da fita «A Casa do Mistério» fazia a Cristina, filha do Mosjoukine e da Hélène-Darly? Pois essa petizinha de então é a linda rapariga que vimos em «Feras», na figura de Náná. Como o tempo passa, e como vamos envelhecendo!...

Gina Manès não tem um papel em que possa evidenciar todos os grandes recursos da que foi a genial intérprete de «Tereza Raquin». Mas, na Rosetta de «Feras» tem campo suficiente para mostrar aos que a não conhecem, que está ali uma das maiores actrizes do cinema francês. E depois, escolhida com grande acerto para aquele papel de personificada tentação, olhar felino a seduzir as almas...

Ha dias, um jornalista francês censurava Pabst por não ter escolhido Gina Manès para o papel de Antinéa, em «Atlântida».

Caramba! Que bem que ela estaria, nessa personagem!

Autor: Charles H. Hirsch. Realizador: Marco de Gastyne. Intérpretes: Rosetta, Gina Manès; Rabbas, Gabriel Gabrio; A mulher de Rabbas,

Gil-Clary; Nana, Simone Genevois; Lili, Raymonde Sonny; Léo Rabbas, Quevedo; O pato Armando, George Paulais; Pietro, Jouviano; O capitão do navio, Georges Martel.

Produzida em 1930 pela «Pathé-Natan». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 2 Agosto 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Ultimas exhibições dos grandes exitos

A ILHA MISTERIOSA

Super-produção da «Metro-Goldwyn-Mayer», toda colorida, tirada da conhecida obra do imortal Julio Verne.

NOITE DE DUENDES

Divertida comédia burlesca pelos impagáveis
LAUREL e HARDY

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 27

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

OLYMPIA — Matinéas de Sabados, 13, 20 e 27 de Agosto e 3 de Set.

BATALHA — Matinéas de Quintas, 11, 18 e 25 de Agosto e 1 de Set.
Soirées de Sabados, 13, 20 e 27 de Agosto e 3 de Set.

CINE-ODEON — Soirées de Sábados, 13, 20 e 27 de Agosto e 3 de Set.



CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta na segunda-feira, 8, no

Cinema Águia d'Ouro

a super-produção da "United-Artists"

"O REI DIVERTE-SE"

engraçada comédia falada em francês, com

Emile Chautard, Françoise
Rosay e Pauline Garon

Realização de HENRY DE LA FALAISE